

**COLHEITA DE INVERNO. ENSAIO DE  
TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIAS**

**VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA**

**Coimbra: Edições Almedina, 2020**

**568 páginas. ISBN 9789724085678**

Após o aparecimento, em 2010, de um volume de dispersos, não se contava que um novo livro do Doutor Aguiar e Silva pudesse vir a público, decorrida que foi apenas uma década.

Mas eis que somos surpreendidos por uma obra imensa, que surge sob a chancela da sua principal editora de acolhimento (a Livraria Almedina). O livro estende-se por 568 páginas mas não é só por isso que merece o qualificativo de “imenso”: merece-o sobretudo porque nele subsistem os atributos a que o estudioso e ensaísta nos habituou desde sempre. Por vezes, é preciso parar no final de uma página ou de um parágrafo para entender, assimilar e iniciar o diálogo com o que se leu.

Os bons autores de Humanidades são sempre leitores perseverantes e transversais. Para além disso, têm por detrás uma grande biblioteca. Ler o que escrevem constitui, por isso, garantia de um precioso benefício: porque convocam muitos outros livros (nunca lidos pelo leitor comum ou já lidos há muito tempo), estabelecem relações novas entre muitos deles e sinalizam caminhos de surpresa produtiva. A simples consulta de um índice onomástico provaria a verdade do que acabo de afirmar. Estranhamente, porém, e contrariando o que é

hábito nos livros do autor, esse índice não surge no presente volume.

A obra aparece dividida em três partes, abrangendo os interesses que o Professor Aguiar e Silva vem cultivando em regime de maior estabilidade. A primeira parte é consagrada à teoria literária, a segunda incide em matérias camonianas e a última tem o subtítulo mais genérico de “Ensaio sobre literatura portuguesa”.

Quatro dos textos são inéditos e um outro surge reproduzido “com algumas diferenças”. Apesar de se encontrarem publicados, porém, dir-se-ia que os restantes 30 não perdem o cunho de novidade. Bem sabemos, desde logo, que são cada vez em menor número aqueles que conseguem seguir tudo o que vem a lume em cada uma destas três áreas de estudo. Ou porque a ultra-especialização foi dispensando o dever de abrangência ou porque o campo dos estudos literários se foi deslaçando, a ponto de negligenciar a memória das referências, mesmo as mais seguras. Se até há poucos anos era impensável escrever sobre Camões sem ter ao lado os livros do Professor Aguiar e Silva (para além de outros) tornou-se possível, mesmo em ambiente académico, encontrarmos essas mesmas referências ignoradas ou, em alternativa pouco consoladora, lidas de forma superficial e apressada.

A Tábua de Procedência dos ensaios comprova uma colaboração particularmente dispersa por um conjunto de revistas e coletâneas nacionais e estran-

geiras. Mesmo contando com o facto de alguns desses trabalhos se encontrarem disponíveis em repositórios abertos, a verdade é que eles ganham outro sentido quando são lidos em conjunto. É essa a feliz oportunidade de que agora dispomos.

A Primeira Parte é, de longe a mais extensa, ultrapassando mais de metade do volume. Na sua diversidade, encontramos preocupações transversais. Existem textos que tratam de temas esperados (v.g. “a ideia de literatura nacional” ou “Sobre alguns tropos subjacentes aos conceitos de clássico e de classicismo”); mas encontramos também posicionamentos claros e rigorosos sobre assuntos que se encontram em fase de discussão (é o caso dos ensaios que versam sobre a desconstrução, o pós-estruturalismo e o pós-colonialismo). O conjunto é aliás encerrado com um ensaio que, sob o título “A Biblioteca da Universidade e a República das letras” (pp. 307-319), chama a atenção para a importância central desses espaços institucionalizados e dos acervos que neles se preservam para a *militia literaria*. Tendo tido início na Europa dos humanistas, a defesa do poder emancipador do conhecimento exige uma atitude de resistência serena e lúcida contra todos aqueles que menorizam o livro e tudo o que ele representa. Nesse mesmo ensaio, a defesa do valor das bibliotecas e dos livros cruza-se aliás com uma proposta que o autor vem fazendo de forma reiterada: a (re)

adoção pelas universidades portuguesas de um *curriculum de educação geral*, semelhante ao que existe na Universidade de Harvard.

À semelhança do que acontecera no volume editado há uma década, também nesta obra não faltam textos prospetivos. É o caso daquele que tem por título “O ressurgimento da estilística. Novos horizontes para o ensino do texto literário” ou o que é dedicado ao “cânone literário de língua portuguesa”, publicado pela primeira vez em 2018. Tanto um como outro, de resto, requerem ecos que vão tardando.

A tónica que atravessa a maioria dos textos pode resumir-se talvez na preocupação com o estado em que se encontram os estudos literários nas universidades portuguesas e ocidentais, em geral. Aguiar e Silva tinha já publicado aqueles que são, provavelmente, os estudos mais sólidos e fundamentados que até hoje vieram a lume em português sobre a história institucional da Filologia e dos estudos literários. Mas regressa ao assunto neste volume, ampliando os seus pontos de vista. É nomeadamente o que sucede no ensaio intitulado “Primavera e Inverno na Filologia Românica” que reproduz uma das conferências celebrativas dos 100 anos da Fundação da Faculdade de Letras de Coimbra. Falando da Filologia e do papel central que lhe coube desempenhar na vida daquela unidade orgânica, o autor refere, agora de forma ainda mais alargada, a criação e o desenvolvimento da área das Letras

em geral, no país e no mundo ocidental. Refere-se a alguns protagonistas que bem conheceu mas fala também de si próprio, que viveu por dentro algumas das principais transformações que identifica e analisa.

Se fosse obrigatório destacar um ensaio daqueles que figuram nesta Primeira Parte do volume, optaria por aquele que o autor intitula “A Poética da Alegoria e o Barroco”. Nele se mistura uma fina autobiografia intelectual (“Como eu lamento a ausência de Benjamin da minha tese de doutoramento”, p. 212), um vasto conjunto de propostas de trabalho a realizar (v.g. “A oratória de Vieira é um genial e, a meu ver, insuficientemente estudado exemplo da capacidade pragmática, fática, perlocutiva, da alegoria barroca”, p. 244) e uma profunda e desencantada reflexão sobre o campo das Letras (“E não serão hoje as Faculdades de Letras alegorias barrocas benjaminianas, como unidades inorgânicas da Universidade em ruína...”, *idem*)

Através dos textos de Aguiar e Silva podemos contactar com um pensamento rigoroso, onde se encontram conjugadas *fundamentação* e *personalidade*. Mas o benefício que resulta do contacto com eles é bem mais alargado. Através da sua escrita, lemos e meditamos também sobre muitos outros autores: todos aqueles, e são muitos, com quem ele trava um debate qualificado. Podem ser “autoridades” que, à partida, nos podiam parecer acantonadas em posições cristalizadas. Neste livro,

como noutros, é especialmente intenso o diálogo que o ensaísta trava com os nomes fundadores do pensamento ocidental, desde Aristóteles, Platão e Horácio; mas é igualmente precioso o diálogo que se estabelece com nomes mais próximos do nosso tempo como Erich Auerbach ou Claudio Guillén e, no plano nacional, com Vasco Graça Moura, Jorge de Sena ou António José Saraiva.

No domínio dos estudos camonianos, encontramos igualmente posições de auto-revisão (“Para a revisão do conceito de Maneirismo”), de consolidação (“Luís Vaz de Camões: alegoria da ilha dos Amores”) ou de inovação corajosa e consistente (“A dedicatória de *Os Lusíadas* e a hermenêutica do poema”). No primeiro dos ensaios referidos, Aguiar e Silva procede a uma clarificação de um conceito ao qual tanto recorreu ao longo do seu percurso de investigador. Numa atitude bem menos disruptiva do que aquela que, há 50 anos, lhe serviu de suporte à categorização da poesia portuguesa dos séculos XVI e XVII, defende agora que o Renascimento deve ser entendido como um “mega-período”, no seio do qual se desenvolvem outros períodos de amplitude menor, em regime de tensão: é esse o lugar que agora reivindica para o Maneirismo, que deixa de ser visto não como uma reação ao Renascimento mas como uma das suas derivas.

Já no último dos ensaios citados, o grande camonista que Aguiar e Silva

continua a ser abre caminho nem mais nem menos a um novo campo de leitura da epopeia camonianiana, chamando a atenção para o papel central que nela ocupam treze estâncias do poema (I, 5-18).

Pode passar despercebido o facto de a maior parte dos ensaios incluídos nesta coletânea ser dedicada a vários dos colegas e discípulos com quem se foi cruzando ao longo da sua vida académica: em Coimbra, em Braga mas também noutras universidades do país. Não se trata, porém, de uma mera casualidade. No critério com que surgem essas dedicatórias revelam um diálogo de apreço intelectual e humano, que o Professor e investigador foi mantendo ao longo de todo um percurso, em registo de fecundo magistério.

Por fim, se pensarmos que entre a coletânea publicada em 2010 e aquela que agora surge Vítor Aguiar e Silva coordenou ainda o monumental *Dicionário de Luís de Camões* (que inclui dezena e meia de verbetes da sua autoria) não podemos deixar de render homenagem a uma ética do trabalho universitário que nunca soçobrou, traduzindo-se em relevantíssimos serviços prestados à causa das Humanidades por este professor e investigador que, com suma justiça, foi recentemente galardoado com o Prémio Camões.

*José Augusto Cardoso Bernardes*

<https://orcid.org/0000-0002-8019-2465>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_11\\_24](https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_24)

**DEPRESSÃO E PSICOTERAPIA EM  
ANTÓNIO LOBO ANTUNES: QUALQUER  
COISA QUE ME AJUDE A EXISTIR.**

**ANDRÉ CORRÊA DE SÁ**

**Alfragide: Texto Editores, 2019**

**eBook. ISBN 9789896607418**

A simbiose entre a voz empática de André Corrêa de Sá e as vozes deprimidas de António Lobo Antunes oferece um caminho interpretativo onde teoria literária e semiologia médico-terapêutica se entrelaçam de forma original para garantir um olhar profundo sobre a obra de um escritor incontornável. *Depressão e Psicoterapia* alarga o mapa de perguntas em torno dos romances antunianos, impondo-se como uma chave de leitura certa com um triplo objetivo: iluminar a angústia e a crueldade típicas das personagens de Lobo Antunes, projetar a obra do escritor para fora da realidade portuguesa e comentar sobre uma das doenças mais debilitantes do mundo contemporâneo. O valioso contributo deste estudo consiste em ver na obra de Lobo Antunes não apenas repetições de pensamentos e comportamentos depressivos, mas também ressonâncias redentoras, curativas e, mesmo, felizes. André Corrêa de Sá, docente na Universidade da Califórnia Santa Barbara, convida a ler a *performance* do passado realizada nos romances, procurando nas virtuosidades linguísticas do escritor a possibilidade de futuro. E, nesse teatro de transformação interior encenado à luz do que se tem entendido como *narrative medicine*,